

A glória dos apedeutas

Educação

17 JUL 1991

Wagner Teixeira

CONFUNDENTE e sem papas na língua, Lee Iacocca, o famoso empresário norte-americano, desnudou um mito que a todos embalar. O chamado milagre japonês é facilmente explicável: no Japão, os professores ensinam e os alunos estudam. E foi por aí que aquela nação, um grupo de ilhas, chegou ao estágio do superdesenvolvimento.

A educação, em terras nipônicas ou nos territórios dos "tigres asiáticos", é prioridade nacional. Nada se faz, naquela parte do mundo, desvinculado da questão educacional, que é preocupação dos governantes já há alguns séculos.

No Brasil, onde o presidente Collor repetiu o discurso do Primeiro Mundo, os professores das universidades federais mantêm-se em greve por melhores salários e alguns se aposentam precocemente porque não podem viver com o pouco dinheiro que recebem pela missão de formar os futuros dirigentes e especialistas do País. Eles largam o serviço público e, sem melhores alternativas, vão procurar suprir sua renda, passando em alguns casos para a empresa privada e para o ensino particular. Esta é uma dura realidade, que conhecemos há muito tempo e que fingimos desconhecer. Só ficamos irritados quando nossos filhos são prejudicados em seu avanço profissional.

Tão grave quanto a desatenção com os professores é o desprestígio do saber, de modo geral, e da educação formal, em particular. Parece que os apedeutas — os ignorantes — vivem seu momento de glória. Tudo se passa como se o cidadão que estuda devesse envergonhar-se de seus conhecimentos e até ocultá-los, para não provocar a ira dos inscientes. Chegamos ao absurdo estágio de que, para alguns estudiosos e pesquisadores, o melhor a fazer é não exibir seu acervo cultural para não provocar reações negativas.

Felizmente, o sistema de mérito para admissão no serviço público está voltando a vigorar, o que leva milhares de jovens a estu-

dar e a frequentar cursos preparatórios. Melhor seria se estivessemos mais adiantados na empreitada de formação sistemática de administradores públicos de carreira, à semelhança do que se faz, por exemplo, na França e Grã-Bretanha. E só atingiremos ao cúmulo da excelência quando os quadros bem-formados puderem ser incentivados por habilidades suplementares, como é o caso do domínio de línguas estrangeiras. No serviço público, tanto faz que um funcionário seja poliglota ou que fale apenas a língua portuguesa. O que sabe mais receberá mais tarefas e perceberá os mesmos vencimentos. A iniciativa privada resolve melhor esse tipo de questão: as empresas de aviação comercial pagam mais aos seus funcionários que se exprimem em um número maior de línguas.

O reconhecimento do mérito é um dos fatores que impeliram ao desenvolvimento atual muitos dos países que costumamos invocar como padrões de progresso. No Japão, o professor, em qualquer dos graus, goza de alto conceito e reconhecimento público, além de boas condições de trabalho e de remuneração. Entre nós, o mestre das aulas em muitas instituições ainda é obrigado a fazer "bicos" para prover seu sustento e o de sua família.

Não conseguiremos atingir as marcas de Primeiro Mundo se não começarmos, de maneira séria, a tratar os professores como valiosa reserva nacional, que nos interessa manter e apoiar em todas as latitudes, no desempenho de um autêntico programa de governo.

Uma providência igualmente fundamental é valorizar os que sabem realmente e ceder lugar a eles para que desenvolvam seu potencial em benefício da comunidade. A esta altura da crise brasileira parece suficientemente claro que o "jogo de cintura", o "jeitinho" e o centenário "pistolão" não levam os países aos maiores estágios de crescimento. Sem estudo, sem pesquisa e sem muito trabalho nas salas de aulas e laboratórios, jamais sairemos da condição exótica de "país do futebol e do carnaval". Merecemos — todos nós — um destino melhor.